



Manual do Casal Ministerial Gestão 2016-2019

Missão

A missão do casal ministerial é apascentar famílias pastorais através da Bíblia Sagrada, com amor e excelência.

Visão

A visão do casal ministerial é apascentar todas as famílias pastorais da Convenção Regional através da Bíblia Sagrada, nos Encontros e Programas Regionais de Pastores e / ou Famílias, nos Congressos do DEMI, nas visitas, nos aconselhamentos, nos relacionamentos, com amor e excelência.

Valores

São valores inegociáveis do casal ministerial:

- Bíblia Sagrada
- A Igreja Adventista da Promessa, suas instituições administrativas e sua doutrina
- Famílias Pastorais
- Departamento Ministerial (DEMI) – Convenção Geral
- Departamento Ministerial (DEMI) – Convenção Regional
- PGs de Pastores
- Encontros para Pastores e Famílias
- Visitas
- Aconselhamentos
- Congressos do DEMI

Introdução

Pastorear é reconhecer o alto preço pago por Cristo na cruz; ouvir o desespero dos que irão para o lago de fogo; entender que o amor de Deus é sacrificial, incondicional, espiritual e urgente; dizer não às riquezas deste mundo; ir, não porque possua um dom, mas porque a própria vida é um dom; saber que a fronteira do seu Ministério é a imagem e semelhança de Deus... Sonhar, sorrir, chorar!

É ainda: ser um abençoado como Abraão; um sonhador como José; um libertador como Moisés; um conquistador como Josué; um adorador como Davi; um intercessor como Elias; um restaurador de muros como Neemias; um chorão como Jeremias; um santificador como Daniel; um impetuoso como Pedro; um equilibrado como Tiago; um missionário como Paulo; um pai amoroso como João.

Mas nem tudo é romântico. Entre as dez atividades mais estressantes do planeta, a do líder religioso figura em 10º lugar, segundo levantamento do Instituto SWNS. Pregar, ensinar, aconselhar, visitar, administrar, promover, discipular, dirigir cultos, oficializar os ritos da igreja podem ser tarefas extenuantes. A função exige: vida moral exemplar, boa família, boa liderança eclesial, aptidões ministeriais aprimoradas, alinhamento teológico com a denominação e comunicação eficaz com todos os departamentos. E, como se não bastasse, somado a tudo isso, os pastores podem enfrentar ainda: crises ministeriais, desajustes conjugais, desacertos com filhos, doenças físicas e emocionais, problemas financeiros, conflitos com líderes e liderados, tentações, quedas, ataques malignos, entre outros.

A abordagem mais eficaz consiste, sem dúvida, em trabalhar na prevenção. As igrejas devem: incentivar o apoio mútuo no relacionamento conjugal de seus pastores; desenvolver diretrizes éticas profissionais claras, que descrevam procedimentos e consequências nos casos de conduta sexual indevida; estabelecer limites de tempo, lugar e circunstâncias para visitas pastorais e sessões de aconselhamento; diminuir os elementos geradores de estresse no pastor [...]; e implementar a prestação de contas ministerial (à congregação, aos oficiais da denominação e, acima de tudo, a Deus).¹

No Código de Ética da Igreja Adventista da Promessa, Artigo I I, inciso V, diz:

Ter consciência, como líder do povo de Deus, de que não pode saber todas as coisas e de que, por isso, deve assessorar-se de pessoas idôneas e capazes, inclusive colegas de ministério, que possam ajudá-lo na formulação de planos e de tomadas de decisões.²

Para ajudar os pastores e suas famílias, nossa denominação nomeia *Casais Ministeriais*, cuja missão compreende: entender a importância do Ministério Pastoral; fortalecer preventivamente os pastores; levantar os que estão caídos; orientar pastores e suas famílias para que entendam a vontade de Deus e melhorem o desempenho de seus ministérios. Para exercer essas funções, os casais ministeriais devem estar dispostos a visitar, ouvir, interceder, aconselhar e organizar atividades que promovam comunhão e crescimento, como PGs para Pastores, Encontros e Congressos.

Qualificações do casal ministerial

A seguir, apresentam-se as qualificações esperadas do casal ministerial. Acompanhe.

I. Vida cristã autêntica

É uma vida centrada em Cristo. Jesus é o começo, o início da salvação; o meio, quem concede as virtudes conquistadas através de sua humanização (vida, ensinamentos, morte na cruz e ressurreição); e o fim, o alvo, o modelo, o objetivo da vida cristã. A salvação é a experiência mais importante que alguém tem na vida. Quando consideramos as ações no Reino de Deus, esta necessidade torna-se ainda mais relevante. Então, é indispensável nascer de novo (Jo 3.1); ter recebido a graça de Deus pela fé (Ef 2.8); ter-se arrependido da sua natureza pecaminosa e se convertido a Cristo (At 2.38); ser santificado e justificado (I Co 6.11); receber a adoção de filho de Deus (Jo 1.12; Rm 8.14-17), crer e confessar a morte e ressurreição de Jesus (Rm 10.9-10); estar em Cristo, sendo nova criatura (2 Co 5.17); buscar a santificação de forma perseverante e progressiva (Hb 2.1; 12.14); e crer que um dia será glorificado (I Pe 5.10).

Qualquer ação no Reino de Deus sem um encontro com Cristo é um fardo. Nada se faz na casa do Senhor sem a experiência do novo nascimento, da regeneração, da salvação proporcionada por Jesus. Lopes explica que:

É doloroso que alguns daqueles que se levantam para pregar o evangelho aos outros não tenham sido alcançados por esse mesmo evangelho. Há quem pregue arrependimento sem jamais tê-lo experimentado. Há quem anuncie a graça sem jamais ter sido transformado por ela. Há quem conduza os perdidos à salvação e ainda está perdido [...]. No século 17, Richard Baxter, puritano de escol na Inglaterra,

1. Carter; Trull, 2010, p. 262.

2. Código de Ética da I.A.P., 2013, p.18.

em seu célebre livro, *O pastor aprovado*, já alertava para o fato de existirem pastores que precisavam nascer de novo.³

2. Chamado para pastorear

O chamado para pastorear se perfaz de quatro características.

a. Soberania divina

O Reino é divino, a Igreja é divina, assim todo chamado tem como a primeira característica a soberania divina. A Igreja é de Cristo, então como Noivo e Senhor, Ele é quem chama, capacita e envia. Foi assim com os discípulos:

E Jesus, andando ao longo do mar da Galileia, viu dois irmãos: Simão, chamado Pedro, e seu irmão André, os quais lançavam a rede ao mar, porque eram pescadores. Disse-lhes: 'Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens'. Eles, pois, deixando imediatamente as redes, o seguiram. E, passando mais adiante, viu outros dois irmãos: Tiago, filho de Zebedeu, e seu irmão João, no barco com seu pai Zebedeu, consertando as redes; e os chamou. Estes, deixando imediatamente o barco e seu pai, seguiram-no". "Partindo Jesus dali, viu sentado na coletoria um homem chamado Mateus, e disse-lhe: 'Segue-me'. E ele, levantando-se, o seguiu (Mt 4.18-22; 9.9).

Assim, Jesus chamou os seus discípulos que, posteriormente, foram apóstolos. No chamado do Apóstolo Paulo não foi diferente: *"Disse-lhe, porém, o Senhor: 'Vai, porque este é para mim um vaso escolhido, para levar o meu nome perante os gentios, e os reis, e os filhos de Israel'" (At 9.15).* O próprio Apóstolo Paulo, ao escrever aos Efésios, identifica a soberania divina: *"E ele deu uns como apóstolos, e outros como profetas, e outros como evangelistas, e outros como pastores e mestres, tendo em vista o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo" (Ef 4.11-12).* Para as viagens missionárias vê-se também a ação divina:

Enquanto eles ministravam perante o Senhor e jejuavam, disse o Espírito Santo: 'Separai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado'. Então, depois que jejuaram, oraram e lhes impuseram as mãos, os despediram. Estes, pois, enviados pelo Espírito Santo, desceram a Selêucia e dali navegaram para Chipre (At 13.2-4).

b. Obediência

Após o chamado, a convicção interior é inequívoca e ocorre a segunda característica, que é a obediência. Os discípulos pescadores, Pedro, André, Tiago e João, deixaram as atividades da pesca e seguiram Cristo. Mateus, também chamado Levi, deixou a coletoria de impostos e o seguiu. Paulo e Barnabé iniciaram as viagens missionárias, obedecendo a voz do Espírito Santo. Quem exerce o pastorado, o exerce por obediência.

c. Capacitação

A terceira característica do chamado é a capacitação. O pastorado pode até se esvaziar das coisas desta vida, mas não dos valores espirituais: *"e indo, pregai, dizendo: 'É chegado o reino dos céus. Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expulsai os demônios; de graça recebestes, de graça dai'" (Mt 10.6-8).* A mensagem principal é o Reino dos Céus, não uma mensagem própria. A ação primária do ministério é a pregação do evangelho. O evangelho é poder transformador no mundo físico e espiritual (Rm 1.16). É expressão de bondade e graça, no recebimento e na doação. E se é recebido e doado, ocorre por andar próximo e dependente do Senhor.

3. Lopes, 2008, p. 13.

d. Disposição para o sofrimento

A quarta característica de um chamado é a disposição para o sofrimento. O campo pastoral não é um parque de diversões. É uma luta entre o bem e o mal, o paraíso e o lago de fogo. Mesmo que não sofra, deve possuir um coração disposto a sofrer. Quando Jesus envia os doze discípulos não os enganou, porém, os alertou em Mt 10.5-42, como se vê a seguir. Nesse contexto, percebe-se que quem obedece ao chamado de Cristo, passa por muitos sofrimentos, como por exemplo:

- **Realizar as tarefas sem aspirações materiais:** *“Não vos proveis de ouro, nem de prata, nem de cobre, em vossos cintos; nem de alforje para o caminho, nem de duas túnicas, nem de alparcas, nem de bordão; porque digno é o trabalhador do seu alimento”* (Mt 10.10). Em condições normais, a única promessa é o alimento. Paulo disse que, muitas vezes, até isso lhe faltou: *“Não digo isto por causa de necessidade, porque já aprendi a contentar-me com as circunstâncias em que me encontre. Sei passar falta, e sei também ter abundância; em toda maneira e em todas as coisas estou experimentado, tanto em ter fartura, como em passar fome; tanto em ter abundância, como em padecer necessidade”* (Fl 4.11,12). O evangelho é o maior tesouro que possuímos. Assim, uma pessoa ganha para o Senhor vale mais que o mundo inteiro. Esta é a grande riqueza.
- **Incompreensão também faz parte do sofrimento:** *“E, se ninguém vos receber, nem ouvir as vossas palavras”* (Mt 10.14). Nem sempre seremos entendidos. Nem todos atenderão à mensagem de salvação. Recusar a salvação e os valores do Reino é desprezar o melhor de Deus. Isso provoca dor no coração de quem anuncia as boas novas.
- **Ter inimigos é um sofrimento real que acompanha quem vive o ministério:** *“Eis que vos envio como ovelhas ao meio de lobos... Acautelai-vos dos homens; porque eles vos entregarão aos sínédrios, e vos açoitarão nas suas sinagogas; e por minha causa sereis levados à presença dos governadores e dos reis, para lhes servir de testemunho, a eles e aos gentios... Mas, quando vos entregarem... Um irmão entregará à morte a seu irmão, e um pai a seu filho; e filhos se levantarão contra os pais e os matarão. E sereis odiados de todos por causa do meu nome, mas aquele que perseverar até o fim, esse será salvo. Quando, porém, vos perseguirem em uma cidade, fugi para outra... E não temais os que matam o corpo... Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada. Porque eu vim pôr em dissensão o homem contra seu pai, a filha contra sua mãe, e a nora contra sua sogra; e assim os inimigos do homem serão os da sua própria casa...”* (Mt 10, 16-36). O campo de atividades é hostil, é ser ovelha no meio de lobos. Perseguições e sofrimentos físicos podem acontecer. Pode haver também traição em relação ao evangelho, inclusive no ambiente familiar. O ódio pode manifestar-se e a morte pode acontecer.
- **O ministério é carregar uma cruz:** *“E quem não toma a sua cruz, e não segue após mim, não é digno de mim. E quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á”* (Mt 10, 37-39). O detalhe mais importante na Teologia Pastoral (Poimênica) é a renúncia, a entrega, a perda da própria vida aqui neste mundo, para reavê-la na eternidade por meio de Cristo. As palavras de Hybels (2002, p. 177) são oportuníssimas: *“A dor é um professor muito eficaz e um fantástico formador do seu processo de tomada de decisão.”*⁴

3. Ministério consolidado

Mesmo para as funções mais simples na igreja são necessárias qualificações. Quando se chega ao nível ministerial, os critérios são ainda mais minuciosos. A questão primária e urgente não é o que o pastor sabe, mas o que ele é. Se são exigidas qualificações para um pastor que exercerá suas funções

4. Hybels, 2002, p. 177.

em um campo, para um Ministerial, não será diferente. Vejamos os detalhes indispensáveis pontuados por Paulo em I Tm 3.1-7.

a. A excelência do Ministério

“Fiel é esta palavra: Se alguém aspira ao episcopado, excelente obra deseja.” O Ministério deve ser considerado algo excelente, especial para este casal. Não pode haver dúvida quanto à importância e nobreza das atividades pastorais. As expectativas e aspirações devem ser espirituais e não terrenas. “Excelente”, no grego, é *kalos*, que significa “bom”, “excelente”, usado com frequência no sentido de “nobre”. Também era palavra usada com o sentido de “livre de defeitos”, “precioso”. Essa palavra exalta e adorna os ofícios eclesiásticos que deveriam ser buscados pelos homens melhores e mais nobres, com as mais elevadas aspirações de natureza espiritual que fossem possíveis.⁵ A intensidade deste amor deve ser a Cristo e não a algum prestígio humano.

b. Testemunho exemplar

“Irrepreensível”. “Também é necessário que tenha bom testemunho dos que estão de fora”. Wiersbe comenta assim:

Este termo significa, literalmente, ‘sem ter por onde pegar’, ou seja, não deve haver em sua vida qualquer coisa que Satanás ou um incrédulo possa usar como motivo para criticar ou atacar a igreja. Nenhum homem é impecável, mas devemos nos esforçar para ser irrepreensíveis e não merecer qualquer censura.⁶

Pessoas de dentro e fora da igreja devem reconhecer o ministério desse pastor ou casal.

c. Uma boa vida familiar

“Marido de uma só mulher... que governe bem a sua casa, tendo seus filhos em sujeição, com todo respeito...” De acordo com Beacon:

O líder da igreja deve ser exemplar, especialmente em assuntos relativos a sexo. Esse é o destaque desta estipulação do apóstolo. Trata-se de precaução contra a poligamia, que gerava um problema sério para a igreja, cujos membros eram ganhos para Cristo vindos de um paganismo que tolerava abertamente casamentos plurais. Em todo quesito que a igreja, com seus altos padrões éticos relativos a casamento, confrontar o paganismo de nossos dias, em regiões incivilizadas ou não, a insistência cristã na pureza deve ser enunciada de forma clara e seguida com todo rigor.⁷

É importante que quem pastoreia tenha um bom casamento, seja fiel, dedicado à sua esposa e família. Sua família bem governada glorifica o nome do Senhor. A família é um protótipo de seu rebanho. Se fracassar na família, dificilmente será vitorioso na igreja.

d. Emocionalmente maduro

“Temperante, sóbrio, ordeiro... não dado ao vinho... moderado... inimigo de contendias...” Com estas palavras, Paulo ensina que o bispo (ancião, pastor, presbítero) deve ser equilibrado emocionalmente, dono de si mesmo, tendo autocontrole em tudo. Não de pavio curto, agressivo, “estourado”. A qualidade

5. Champlin, 2000, p. 307.

6. Wiersbe, 2006, p. 284.

7. Beacon, 2014, p. 469.

das atividades pastorais depende da qualidade do relacionamento pessoal do pastor com a igreja. Suas palavras e ações devem ser centradas.

e. Financeiramente equilibrado

“*Não ganancioso*”, exige a Bíblia. O casal deve estar contente com o que tem e viver dentro do padrão que os proventos da igreja permitem. Vivemos em um mundo consumista, por isso é importante sabedoria ao lidar com cartões de crédito e cheque especial. Lopes orienta:

O pastor não pode deixar flancos abertos na sua vida. Ele não pode ter pendências financeiras na praça. Não pode ser desonesto em suas palavras nem descuidado em seus compromissos financeiros. O pastor não pode ser um homem envolvido com dívidas, enrolado financeiramente, irresponsável com seus compromissos financeiros. Ele não pode viver de aparências. Não pode querer ostentar um padrão acima de suas condições financeiras.⁸

f. Maturidade

“*Não neófito*”, aconselha a Palavra de Deus. Ser neófito é ser infantil, imaturo, alguém que não leva a sério os valores espirituais ou que não teve vivência necessária para liderar. Ministério não pode ser um tiro no escuro, uma oportunidade para quem não deu certo em outras atividades. Também não pode ser para agradecer determinada pessoa ou família.

g. Vigilante

“*Não caia em opróbrio, e no laço do diabo.*” Ministério é um palco de guerra. Uma queda produz vergonha, um opróbrio. O diabo tem seus ardis. Viver a Palavra de Deus, pregar o evangelho, edificar vidas é tudo que opositor de Deus menos quer e fará de tudo para atrapalhar os propósitos divinos. É importante saber que o ministério pastoral afronta o mal.

4. Conhecimento das estruturas administrativas da Igreja

A igreja é uma sociedade organizada que possui estatutos e regimentos em nível de Convenção Geral, Convenção Regional e Igreja local, assembleias gerais ordinárias e extraordinárias. Há limites de atuação para cada departamento e setor. A função do casal ministerial não é administrativa, por isso mesmo, ele deve conhecer seu campo de atuação para não aconselhar erroneamente ou ultrapassar o seu limite. O casal ministerial deve ter o cuidado e a ação na área de “ser” do pastor, da sua “essência pastoral”, do que ele “precisa” bíblica e espiritualmente, a resposta para a pergunta: “Quem é o pastor?”. Porém, “o que ele faz?”, “como ele faz?”, “o que a igreja espera dele?” são questões administrativas. Entre o “ser” e o “fazer” existe uma linha tênue das atividades do casal ministerial e da Diretoria da Convenção Regional.

5. Conhecimento do código de ética

Os pastores devem ser éticos, íntegros e confiáveis. Este singular ministério deve ser exercido com moral. Preocupada com isso, nossa denominação desenvolveu o Código de Ética da Igreja Adventista da Promessa. Nele há direcionamentos na área pessoal, familiar e eclesiológica. Destaca-se a importância de relacionamentos saudáveis em todas as áreas. Portanto, conhecer, praticar, valorizar e divulgar este Código de Ética é de suma importância para o casal ministerial.

8. Lopes, 2008, p. 30 ss.

6. Bom relacionamento com seus superiores e colegas de ministério

O fator preponderante no ministério é o relacionamento interpessoal. Além da importância do relacionamento com a família e a igreja, o casal ministerial precisa de um bom relacionamento com os seus superiores (Diretoria da Convenção Regional ou Geral) e colegas aos quais se propõe servir. Para que isso ocorra, é necessário estar ciente dos seus limites, dos limites administrativos, saber submeter-se e colaborar com os combinados, falar a verdade com amor, determinação e perdão. Quando existe uma amizade verdadeira é muito mais fácil trabalhar e produzir resultados favoráveis. A amizade afasta a desconfiança. *“O amigo ama em todo o tempo; e para a angústia nasce o irmão”* (Pv 17.17).

7. Prestação de contas financeiras e de atividades

O casal ministerial é uma extensão da Diretoria Regional, portanto, submisso a ela. Não há previsão estatutária de percentual de receita destinada às atividades do casal ministerial. Portanto, não se deve gerar despesas sem autorização da Diretoria da Convenção. Caso receba adiantamento para viagens, estadias ou eventos, a prestação de contas deve ser feita. Quanto às atividades, os limites devem ser estabelecidos para que não se tenha constrangimentos e **não seja quebrada a ética do sigilo do aconselhamento**. Os limites preestabelecidos neste Manual não impedem diálogos que ajustem a visão administrativa da Convenção Regional com o casal ministerial. É bíblico prestar contas: não é surpresa, então, que se leia que *“regressando os apóstolos, contaram-lhe [a Jesus] tudo o que tinham feito”* (Lc 9.10). A palavra grega traduzida por “contaram” é derivada de um termo que significa “relatar completamente”.

8. Fidelidade com a Denominação

É necessário que o casal ministerial seja conhecedor, praticante e defensor dos princípios bíblicos e teológicos da Igreja Adventista da Promessa e das decisões em suas casas competentes, como: literaturas publicadas, livro *O Doutrinal*, Estatutos e Regimentos da Convenção Geral, da Convenção Regional, Código de Ética da IAP, Manual do Casal Ministerial e decisões das Assembleias ordinárias e extraordinárias: da Junta Geral Deliberativa, das Assembleias Gerais da Convenção Geral, da Junta Regional Deliberativa, das Assembleias Gerais da Convenção Regional.

Eventos e ações do casal ministerial

I. Congresso

O DEMI da Convenção Geral estabelece o tema do Congresso, fornece o material didático, envia os preletores e sugere datas. Cabe ao casal ministerial, em conjunto com a Diretoria da Convenção, se envolver em todo o evento, desde o início, confirmando a data, definindo local, a duração do Congresso (um ou dois dias), bem como os demais detalhes financeiros envolvidos. Ex. Despesas de locomoção e estadia terão a participação dos pastores? Resposta: Caso haja, os valores financeiros e a forma de participação devem ser administrados pela Convenção Regional.

2. Encontros

Os encontros são facultativos, porém, muito valiosos. Podem ser Encontros de Casais, Encontros de Pastores, Encontros de Esposas de Pastores ou Encontro dos Filhos de Pastores. O casal ministerial deve se envolver em toda a organização do evento, em conformidade com a Diretoria da Convenção, podendo contar com o apoio do Departamento Ministerial da Convenção Geral.

3. Ceia Ministerial

A Ceia do Senhor para as famílias pastorais e/ou demais consagrados da Convenção pode ser um momento importante para aproximação e comunhão. Todos os preparativos para a realização da Ceia Ministerial como data, local, horário, utensílios, ministrantes, louvor, despesas, entre outros, devem ser feitos de maneira prévia e acertados com a Diretoria da Convenção Regional.

4. Vigília Ministerial

As Vigílias Ministeriais proporcionam um tempo maior para ministrações bíblicas, oração, adoração e testemunhos. O Apóstolo Paulo fala assim acerca deste tema: “... em vigílias muitas vezes” (2 Co 11.27). Assim como a Ceia Ministerial, elas podem ter como público-alvo, as Famílias Pastorais e/ou Consagrados da Convenção. Todos os preparativos para a realização da Vigília Ministerial devem ser feitos de maneira prévia e acertados com a Diretoria da Convenção Regional.

5. Pequenos Grupos (PGs).

O DEMI considera de grande importância a realização de Pequenos Grupos de Pastores e Esposas (PGs), porque eles promovem:

- a. Prevenção.** Antes da queda (pecado), da indisciplina ou da separação conjugal, os PGs para pastores têm como objetivo acompanhar os pastores periodicamente, suas esposas e famílias através do acolhimento mútuo em um ambiente de comunhão e encorajamento.
- b. Rompimento com as dificuldades de comunhão/apoio mútuo.** As dificuldades pastorais são o medo de se expor, o mito de ser inatingível pelo mal, insegurança das informações compartilhadas (desconfiança), entre outros. Quando as dificuldades são rompidas, ocorre a aproximação, a comunhão.
- c. Maturidade.** Os encontros têm como base elementar lições práticas da Bíblia Sagrada. A Bíblia contém respostas para todos os dilemas e circunstâncias. No desenvolvimento do encontro ocorre o compartilhamento pessoal, em um relacionamento mútuo, transparente, fraterno, o qual é denominado também de “prestação de contas”. Estes vínculos promovem crescimento saudável e disciplinado, através de ensinamentos e experiências compartilhadas.
- d. Intercessão.** Os pastores oram por muitas pessoas, mas é difícil ter com quem compartilhar seus próprios pedidos de oração. Os PGs também são um espaço para a intercessão entre os participantes, fazendo cada casal se sentir acolhido e cuidado.
- e. Alguns cuidados quanto aos PGs.**
 - Concordância com a Diretoria da Convenção Regional, incluindo data, local e definição das famílias que participarão do encontro.
 - Escolha do líder que organizará e ministrará o encontro, podendo ser o casal ministerial ou outro que melhor convier.
 - É desejável que a quantidade de casais participantes não exceda o número de quatro, para que seja realmente possível estabelecer vínculos e possibilidade de transparência (em um grande grupo, fica mais difícil expor sentimentos).

- É recomendável que os encontros sejam em uma residência, em uma noite, mensalmente. A regularidade fortalecerá os vínculos.⁹
- Deve-se evitar a igreja, pois é um local de trabalho e impede o informalismo.
- O encontro pode ser iniciado com alguma dinâmica, quebra-gelo ou louvor, conforme a definição do líder.
- Deve ser desenvolvido com as lições propostas pelo Departamento Ministerial (disponíveis no Portal IAP) e a Bíblia Sagrada, de forma indutiva, para que haja crescimento na comunhão, no compartilhamento das necessidades e na interação dos participantes.¹⁰
- Recomenda-se no encerramento, intercessão pelos presentes e ausentes.
- Assegure o mínimo de organização possível, sem comprometer a espontaneidade.¹¹
- Os encontros não devem ser longos, sob pena de se tornarem enfadonhos, no entanto, necessitam de tempo suficiente para que se desenvolvam as atividades de forma eficaz.¹²
- Os encontros de PGs, embora tenham compartilhamento de textos bíblicos, não são encontros teológicos. Embora tenham oração, não são apenas reuniões de oração. Embora tenham aconselhamento, não são sessões de terapias psicológicas.

6. Visitação

É fundamental que o casal ministerial estabeleça uma rotina de visita a todas as famílias ministeriais em seu campo, pois assim, estreitará os laços de amizade e conhecerá as necessidades de cada família. Observe alguns cuidados:

- Se a visita for gerar despesas, elas devem ser pré-autorizadas pela Convenção.
- A visita deve ser pré-agendada.
- Dependendo do assunto, o pastor ministerial pode visitar apenas o pastor ou a esposa ministerial visitar a esposa.
- Diálogos e aconselhamentos com pessoas do sexo oposto podem ser feitos caso haja ambiente adequado com acesso por outras pessoas (ambientes não chaveados), visibilidade do local e presença de outras pessoas nas proximidades. Caso esses detalhes não existam, a visita e / ou aconselhamento deve ser evitados.
- Artigo I I, Inciso III do Código de Ética da IAP: “Ter cuidado nas visitas e contatos pessoais, para não ser inconveniente, mas, sim, discreto e evitar ficar a sós com pessoas do sexo oposto (CI 4.6)”¹³
- A visita ministerial deve proporcionar oportunidade para o casal visitado realmente expor suas necessidades ou preocupações, portanto, não deve ser um encontro formal apenas para cumprir uma agenda.
- Jamais deve-se dar direcionamento (opinião) se o assunto for administrativo.

9. Rocha; Freitas; Lopes, 2015, p. 36.

10. Rocha; Freitas; Lopes, 2014.

11. Rocha; Freitas; Lopes, 2015, p. 68.

12. Idem, p. 68.

13. Código de Ética da I.A.P., 2013, p. 18.

Aconselhamento Ministerial

O aconselhamento é, sem dúvida, a parte mais discreta, porém, essencial, do papel do casal ministerial. Antes de abordar a prática do aconselhamento, é necessário enfocar os princípios que devem nortear suas ações.

O que é aconselhamento bíblico?

Aconselhamento “é um relacionamento interpessoal voluntário, no qual um conselheiro objetiva cuidar, ajudar, aliviar e orientar um aconselhando a ajustar-se consigo e com o meio em que vive.¹⁴ “É uma atividade com o objetivo de ajudar outros em quaisquer aspectos da vida: emocional, comportamental, racional, psicológico e espiritual, dentro de um relacionamento de cuidado”¹⁵

O aconselhamento, cristão ou bíblico, em sua forma mais básica, é um Ministério da Palavra pelo qual os cristãos ajudam outros a entenderem como seu coração está respondendo ativamente a Deus em meio às suas circunstâncias de vida específicas e como a fé em Cristo Jesus muda tais respostas.¹⁶

Assim, o objetivo é que o casal ministerial, em um relacionamento caracterizado por confiança, cordialidade, compreensão empática e aceitação, ajude os colegas de Ministério da Convenção Regional em que atua.

A importância do aconselhamento

O aconselhamento pelo casal ministerial é um instrumento de apoio e socorro aos trabalhadores da Igreja e suas famílias. Ouvir, confortar e encorajar divide a carga e fortalece o Ministério. O aconselhamento de pastores no trabalho Ministerial é, sem dúvida, uma oportunidade de desempenhar o papel de servo, de concentrar-se no outro em lugar de concentrar-se em si mesmo, de ir além das palavras e demonstrar, de maneira genuína, o amor de Cristo.

A importância da Bíblia no aconselhamento

A Bíblia Sagrada é a base da fé cristã, do Ministério Pastoral e do aconselhamento. Todo conselheiro cristão deve ter consciência de que, acima e antes de qualquer teoria e técnica humana, está a Palavra de Deus. A orientação bíblica de encorajamento mútuo é a maior ferramenta de transformação e crescimento espiritual: “*Toda Escritura é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente preparado para toda boa obra*” (2 Tm 3.16-17). Toda a Bíblia é inspirada por Deus. Os estilos humanos foram preservados, mas o conteúdo é Divino. Por isso, ela é confiável, verdadeira e infalível. A Palavra de Deus é útil para o ensino (aquilo que é certo), para a repreensão (aquilo que é errado), para a correção (como fazer o que é certo) e para a educação na justiça (como permanecer no certo).¹⁷

14.Friesen, 2004, p. 19.

15.Hurging, 1995, p. 36.

16.Pierre; Reju, 2015, p. 178.

17.Wiersbe, 2006, p. 329.

A importância de Jesus Cristo no aconselhamento

Jesus é o alvo e o modelo da vida cristã. Todas as atividades espirituais e de forma especial, o aconselhamento, devem levar o aconselhando a ser semelhante a Jesus: “até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, ao estado de homem feito, à medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4,13).

Por ser o “Maravilhoso Conselheiro” (Is 9.6), ele é também a fonte de sabedoria que o conselheiro necessita e “no qual estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência” (Cl 2.3).

Em *Colossenses 2* e *Efésios 4*, Paulo salientou isso em sua discussão sobre o novo homem e a renovação à imagem de Deus. Essa imagem foi arruinada na queda. A meta do aconselhamento é a restauração dessa imagem. Concretamente, isso significa semelhança com Cristo, que é a perfeita imagem humana de Deus.¹⁸

A importância do Espírito Santo no aconselhamento

O aconselhamento é uma das características do ministério do Espírito Santo: “E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber; porque não o vê nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco, e estará em vós” (Jo 14.16-17). A palavra “consolador” vem do grego *parakletos*,

literalmente, ‘chamado para ficar ao lado de alguém’, ou seja, para ajudar. É primariamente um adjetivo verbal e sugere a capacidade ou adaptabilidade para prestar ajuda. Era usado em um tribunal para denotar o assistente legal, conselho para defesa, defensor, advogado. Em sentido mais amplo, significa ‘ajudador, auxiliador, consolador’. Consolador ou confortador corresponde ao nome *Menahem*, dado pelos hebreus ao Messias.¹⁹

Esta presença no processo de aconselhamento é fundamental, pois o Espírito Santo é quem promove toda a mudança na vida no cristão. Ele é o que convence do pecado (Jo 16.8); faz nascer de novo, regenera (Jo 3.5); faz morada (1 Co 6.19); dá a verdadeira liberdade (2 Co 3.17); distribui os dons, capacita (1 Co 12.1-11); produz o fruto que permeia toda atividade cristã (Gl 5. 22-23); envia (At 13.1-4); acompanha os Filhos de Deus durante toda a vida (Jo 14.16) e ressuscitará os salvos (Rm 8.11).

A experiência pessoal

Cada conselheiro tem a liberdade de imprimir as suas características e sua “bagagem de vida” no exercício do aconselhamento. Nada acontece sem propósito na vida e no ministério pastoral (Rm 8.28), assim um testemunho pode edificar um aconselhando.

A visitação pastoral e o aconselhamento

As visitas às casas dos obreiros, missionários e pastores são importantes, pois a necessidade do aconselhamento surge, muitas vezes, nessas ocasiões. Por vezes, é interessante o casal ministerial realizar

18. Adams, 1980, p. 83.

19. Dicionário Vine, 2004, 497.

algumas visitas sucessivas até que se estabeleça uma relação de confiança e os pastores e suas famílias sintam-se seguros para revelar pensamentos e atitudes de foro íntimo.

Um processo longo de aconselhamento

Há sempre causas mais profundas no comportamento humano, causas que vão além do que inicialmente é percebido e apresentado pelas pessoas. O casal ministerial deve buscar algo além da superficialidade dos relacionamentos. Deve procurar saber o que vai bem, de fato, e em que situações poderá auxiliar o pastor e a família.

Exige-se sensibilidade para introduzir questões delicadas que as pessoas talvez não queiram discutir inicialmente. Em algumas situações especiais, e dependendo do assunto, faz-se necessário o convite para agendarem uma conversa em outro local, fora da casa do aconselhando, caso o ambiente não ofereça a privacidade adequada.

Local e horário

Agende local e horário fixos para o caso de aconselhamentos que exigirão vários encontros. O horário e o local predeterminados ajudam a estabelecer limites na relação e a proteger os envolvidos. Conselheiro e aconselhando terão sua privacidade garantida. Quando o local é sempre o mesmo, diminui a possibilidade de alguém interpretar como encontros secretos. O local deve ser escolhido de forma a evitar distrações, como telefone, pessoas passando ou presença de muitas pessoas ao redor. O local deve oferecer privacidade, ou seja, preservação da intimidade da pessoa. Deve-se ter cuidado com a acústica e visibilidade da pessoa.

Em relação à escolha do local adequado, evite:

- local desarrumado ou improvisado;
- sons internos e/ou externos;
- luzes excessivamente fortes ou penumbra;
- portas fechadas e suas possíveis interpretações e tentações;
- a casa / o lar. Nem sempre o lar é o melhor lugar para o aconselhamento, isto é, quando a casa evoca reações inadequadas ao aconselhando, por exemplo, a pessoa não se sente bem no espaço familiar, então é melhor encontrar outro lugar;²⁰
- o melhor lugar, em geral, será o gabinete pastoral ou um escritório reservado, afastado de interferências externas.

Qualidades do conselheiro

A seguir, são apresentadas as qualidades pertinentes a um conselheiro.

- **Dar a devida importância ao aconselhando.** A pessoa mais importante é o aconselhando. A pessoa central na visitação pastoral é a pessoa visitada. E isso também se aplica quando a visita é à casa de um pastor.

As suas necessidades, seus dilemas, suas histórias e suas alegrias estarão em foco. É a pessoa visitada quem conduz a conversa, [...]; ela quem sinalizará algum assunto que ne-

²⁰Friesen, 2012, p. 39ss; 151ss.

cessite tratamento. Ao conselheiro cabe transmitir o amor de Cristo. Ele é o vaso através do qual fluirá a aceitação, o encorajamento, o estímulo à fé, o apoio e a confiança naquele que disse “e eis que estou convosco todos dias até a consumação dos séculos” (Mt 28.20) 43ss).²¹

Para aconselhar de forma efetiva, temos de ter sempre em mente: o que se apresenta diante de nós não é um problema nem um caso a ser solucionado, mas um ser humano, inserido nas limitações e na finitude humanas, das quais os conselheiros também compartilham.²²

- **Empatia.** Esta palavra tem origem em uma palavra alemã que significa “sentir dentro de” ou “sentir com”. É o exercício de se colocar no lugar do outro.
- **Sabedoria.** Muitas são as características desejáveis para alguém que queira exercer o aconselhamento, mas devemos lembrar que a sabedoria não é fruto da capacidade humana e que devemos buscá-la em Deus para o êxito do aconselhamento. “Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impropria; e ser-lhe-á concedida” (Tg 1.5).
- **Amor.** No aconselhamento, o conselheiro estará lidando com fraquezas, falhas e até mesmo pecados. Deus amou tanto as pessoas que deu o Seu Filho (Jo 3.16). Aconselhar é também doar-se. É viver as palavras de João: “Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor é de Deus; e todo o que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus; porque Deus é amor. Nisto se manifestou o amor de Deus para conosco: em que Deus enviou seu Filho unigênito ao mundo, para que por meio dele vivamos. Nisto está o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou a nós, e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados. Amados, se Deus assim nos amou, nós também devemos amar-nos uns aos outros” (1 Jo 4.7-11). O conselheiro precisa ser suficientemente seguro em sua personalidade, a fim de suportar as tempestades em potencial, resultantes de ajudar alguém em dificuldades.²³

Cuidados no aconselhamento

Destacamos alguns cuidados pertinentes à visita pastoral para que se possa garantir um ambiente favorável ao aconselhamento:

- **O visitador não é advogado do pastor, da liderança ou da igreja.** A visita não deve ser motivo para ataques ou defesas. Não faça críticas a líderes e colegas no trabalho ministerial, irmãos em Cristo ou qualquer outra pessoa. Também não se pode assumir o papel de advogado de alguém. O foco não é a avaliação da Convenção e nem de igrejas locais. Deixe de lado conversas que fogem ao propósito da visita. Porém, caso a necessidade de aconselhamento seja devido a conflitos na relação com algum dirigente regional ou consagrado da igreja local, por exemplo, procure concentrar a conversa na análise de quais são os comportamentos do aconselhando que podem estar contribuindo para a manutenção do problema, e quais comportamentos ele deve mudar para alcançar novos resultados. Ou seja, enfoque naquilo que está no alcance do aconselhando modificar. Deixe de lado o julgamento a respeito das ações do dirigente ou consagrado, o que ele deveria ou poderia fazer.²⁴
- **O visitador pastoral também não é advogado de Deus.** É o Espírito Santo quem convence as pessoas das verdades espirituais. Não assuma postura de juiz perante as pessoas.²⁵

21. Friesen, 2004, p. 43ss.

22. Molochenco, 2008, p. 108.

23. Hurding, 1995, p. 40.

24. Friesen, 2004, p. 19-65.

25. Idem.

- **Não podemos tomar decisões pelos outros.** Precisamos zelar pela autonomia das pessoas e não criar relações de dependência, também chamadas de latrogenia: mal ou doença adquirida pelo próprio processo terapêutico; refere-se a um estado de doença, efeitos adversos ou complicações causadas por resultantes do tratamento médico. Exemplos de latrogenias desenvolvidas no aconselhamento: dependência afetiva do conselheiro; autoestima reduzida, quando o aconselhando deixa de tomar decisões importantes por conta própria, tendo que recorrer ao conselheiro diante de cada dúvida; tratar qualquer problema de forma reducionista como sendo apenas espiritual, ou emocional ou, apenas, físico, sem considerar o ser humano como um todo etc.²⁶ As atitudes, expectativas e desejos de ajuda do aconselhando também são importantes e devem sempre ser consideradas no processo do aconselhamento.

A escolha do conselheiro pelo aconselhando

A quem as pessoas buscam quando precisam de aconselhamento pastoral?

- Conselheiros que transmitem empatia e aceitação incondicional;
- Conselheiros de quem gostam;
- Conselheiros a quem respeitam;
- Conselheiros que manifestam seu interesse em aconselhar;
- Conselheiros que elas sabem que são ou imaginam ser competentes para aconselhar (reconhecem como bons conselheiros e/ou até mesmo em um assunto específico);
- Conselheiros nos quais confiam, no sentido de que obedecem rigorosamente a uma ética de sigilo;
- Conselheiros que conhecem a Deus.

ATENÇÃO:

Pode ser que você não seja o conselheiro escolhido!

Precisamos ser realistas: os pastores poderão recorrer a outras pessoas para buscarem aconselhamento, por vários motivos que independem da aceitação do casal ministerial.

Mas a ideia é que cada casal ministerial possa construir um relacionamento de forma a sugerir esta escolha.

Pastor aconselhando pastor, o que facilita e o que dificulta?

O aconselhamento de pastor a pastor é bíblico. Por exemplo, Jesus aconselhou Pedro a apascentar cordeiros e ovelhas, Paulo escreveu duas cartas à Timóteo e uma a Tito, Pedro aconselhou os presbíteros (I Pe 5. 1-4). Porém, a prática exige cuidados, entre eles, podemos citar:

- A qualidade do relacionamento influenciará, positiva ou negativamente. Quanto melhor o relacionamento, tanto mais provável os resultados serem positivos.
- Aumenta a necessidade do cuidado com o estabelecimento da relação, no que se refere à neutralidade (não se envolver emocionalmente) e confidencialidade.
- Aumenta a possibilidade de quem está na posição de conselheiro se identificar fortemente com o que o aconselhando está expondo, pela similaridade das vivências. Tal situação pode favorecer o

26. Idem.

entendimento da situação, porém, ao mesmo tempo, inviabilizar que algumas alternativas sejam apresentadas para um determinado conflito devido a uma visão unilateral da situação.

- O fato do conselheiro ter mais intimidade com o aconselhando pode acelerar o processo de melhora e trazer resultados mais rápidos, pois, como conhece a família, situação de trabalho, estilo de vida e crenças, é possível orientar mais ativamente.
- Conselheiro e aconselhando falam a mesma língua, e, portanto, comunicam-se usando expressões que o aconselhando pode compreender. A responsabilidade é do conselheiro no estabelecimento do espaço propício para a relação de ajuda e, portanto, sua postura, será fundamental.
- Faz-se necessária clareza na definição dos papéis assumidos na relação conselheiro / aconselhando, independentemente da hierarquia e das funções que exerçam fora do contexto do aconselhamento.

Técnicas e intervenção no aconselhamento – Orientações práticas

Com base no trabalho de Friesen, listamos algumas orientações práticas:

- No início do aconselhamento, deixe a fala do aconselhando mais livre (abordagem não diretiva).
- Continue a ouvir e falar menos enquanto o aconselhando não estiver demonstrando confiança e liberdade para tratar de seus problemas – ou seja, enquanto a atmosfera da conversação estiver tensa ou travada. Geralmente, esta postura se estende por alguns encontros.
- Quanto mais crítico e resistente o aconselhando, mais é necessário trabalhar pela abordagem não diretiva.
- Cuidado com as perguntas do aconselhando. Elas podem levar o conselheiro a sentir-se obrigado a responder. Por outro lado, pode indicar que o conselheiro pode agir mais diretamente.
- Procure respeitar o ritmo e a velocidade do aconselhando. Cuidado para não atropelar etapas e comprometer o processo de aconselhamento.
- Esteja sempre atento ao momento do processo, analisando se o aconselhando já está ouvindo o conselheiro. Isso somente acontece quando o aconselhando se sente compreendido e aceito pelo conselheiro.²⁷

Dificuldades para aconselhar

Friesen também alerta quanto às dificuldades que surgem na hora do aconselhamento.

- **Resistência.** Também há períodos em que as pessoas oscilam entre comportamentos de aceitação da ajuda e comportamentos que resistem ao apoio, por vezes até mesmo atacando a pessoa do conselheiro. Na prática, a resistência sempre existirá, mas podemos amenizá-la com gestos e comportamentos que demonstrem interesse em ajudar sem criticar, sem julgar e sem condenar. Desta maneira, o casal ministerial deve ter todo cuidado para estabelecer um vínculo saudável e preservar a boa relação.
- **Comunicação superficial (fuga do problema).** Os resultados são bons no aconselhamento quando há uma comunicação autêntica, que foge da superficialidade e tem base na coerência entre o discurso e a prática. Fala-se o que é necessário, de forma a encorajar mudanças na vida do aconselhado. Na maioria das vezes, a dificuldade não está no que se fala (conteúdo), mas em como se fala (forma de falar). Uma relação com base na confiança não se conquista de um dia

27.Friesen, 2004, p. 105-150.

para o outro, mas com muita dedicação e persistência.

- **Não é necessário falar apenas sobre assuntos “espirituais”.** Os assuntos devem fluir livremente e de forma a permitir que o aconselhando fale do que desejar. Até porque os dilemas da pessoa podem estar relacionados a outros assuntos.
- **Evite comparações.** Não se esqueça, porém, que cada situação é singular e deve ser analisada e tratada como tal. Comparações podem não ser bem recebidas pela outra pessoa, que pode entender que o seu caso não está recebendo a devida importância e/ou aumentar possíveis sentimentos de fracasso e culpa, por não ter conseguido resolver a situação.
- **Evite o toque físico.** Independente do sexo do conselheiro e do aconselhando, evite o contato físico. Ele pode despertar no aconselhando a fantasia de que o próprio conselheiro pode suprir suas necessidades. Pessoas em situação de conflito tendem a estar fragilizadas, confusas e carentes de afeto. A própria situação de aconselhamento favorece tais pensamentos, uma vez que o conselheiro tem tempo, é cordial e solícito, ele ouve e dá atenção. Casos de natureza sexual, problemas sexuais e conflitos envolvendo esta área estão frequentemente acompanhados de sentimentos sensuais e de excitação. Porém, quando o atendimento é de crise, quando as pessoas que sofrem são conhecidas como amadurecidas emocionalmente e espiritualmente, então, não fará nenhum mal se elas forem acolhidas por um abraço ou toque físico.²⁸
- **A natureza sensual do aconselhamento e a ética.** Não é a transgressão do sétimo mandamento da lei de Deus que mais tem levado trabalhadores da obra ao fracasso? A maioria dos livros sobre aconselhamento traz alertas sobre a ética e a sexualidade. O Pastor Ministerial e a esposa podem realizar o aconselhamento em separado, caso lidem com pessoas do mesmo sexo (a esposa, com mulheres e o marido, com homens), pois, em algumas situações, a comunicação com pessoas do mesmo sexo flui mais facilmente. Mas quando o casal ministerial lida com alguém em dificuldades em seu casamento, deve ter especial atenção com:
 - As carências afetivas;
 - Excesso de confiança;
 - Muita proximidade;
 - Temas íntimos e secretos;
 - Satisfação de estar juntos;
 - Isolamento;
 - Piadas ambíguas;
 - Excesso de afetividade;
 - Olhares lascivos;
 - Duração do tempo do aconselhamento aumentado de forma imperceptível;
 - O secreto sentimento de inveja. Enquanto o conselheiro ouve a aconselhada, mesmo que ao lado de sua esposa, ele pode experimentar secretos desejos de ter algumas vivências que ela teve/tem, ele pode sentir a vontade de estar no papel do marido dela. Também a aconselhada pode desejar estar no lugar da esposa do conselheiro, quando este, descuidadamente, revela sua vida pessoal;
 - O aconselhamento pressupõe delegação de poder. Quem busca aconselhamento, delega poder ao seu conselheiro de interferir na sua vida. E como qualquer oportunidade de poder se transforma em tentação, também no aconselhamento, o conselheiro se verá tentado a abusar e explorar as possibilidades deste poder.²⁹

28. Friesen, 2004, p. 151-161.

29. Idem.

Cuidado com o que se fala

Ainda de acordo com Friesen (2004), atente-se a esses aspectos também.

- **Não fale sobre os outros conselheiros.** Apresente seu modo de trabalhar e não faça comentários criticando, censurando e julgando outras pessoas que possam já ter atendido o aconselhando. Não caia na armadilha de tentar aliviar a raiva e angústia do aconselhando por possíveis tentativas frustradas de resolução do problema desqualificando os outros. Não corra o risco de retirar a responsabilidade do próprio aconselhando pela situação. Lembre-se de que, no dia de amanhã, também poderá ser você responsabilizado pelos insucessos do aconselhando.
- **Não fale de outras pessoas ao aconselhando.** Este poderá suspeitar que também é citado em outros atendimentos do conselheiro. A relação de confiança estará ameaçada.
- **Não brinque com as falhas do aconselhando.** As pessoas sob aconselhamento jamais devem ser motivo de chacota ou pilhéria por parte do pastor ministerial e sua esposa, quando em conversas com outros.
- **Cuidado com a curiosidade.** Por vezes, corremos o risco de pedir informações que são desnecessárias ao aconselhamento e que apenas satisfazem a nossa curiosidade.
- **Ore constantemente.** Durante o atendimento em aconselhamento, busque discernimento em Cristo sobre as situações propostas.³⁰

Aconselhamento na crise versus aconselhamento preventivo

Na maioria das vezes, o processo de aconselhamento ocorre em situações em que a dor já se instalou, seja física, emocional ou espiritual. O conselheiro é acionado para ajudar o aconselhando no enfrentamento dos problemas, em lidar com crises e aprender como viver melhor com a situação.

Outra espécie de ajuda, porém, são as ações de cunho preventivo, com o propósito de evitar o problema e as crises que as pessoas levam com frequência aos conselheiros. Neste propósito, os Pequenos Grupos são uma excelente ferramenta quando o vínculo de confiança entre todos se estabelece.

Collins constata que “até recentemente, todavia, muitos líderes de igreja e ajudadores cristãos têm estado tão ocupados, resolvendo os problemas existentes, que pouca atenção tem sido dirigida à prevenção”.³¹

Há três objetivos da ajuda preventiva no aconselhamento:

- Evitar que os problemas aconteçam;
- Impedir ou pôr fim a problemas existentes antes que se agravem. Esta fase é complicada, pois, normalmente, as pessoas ainda entendem que darão conta do problema sozinhas;
- Reduzir ou eliminar as influências dos problemas anteriores.

Dentro desta perspectiva do aconselhamento preventivo, sugerimos ações dos casais ministeriais. Estimulamos o uso da visitação e outros meios de comunicação para manutenção da comunhão com o grupo de pastores, obreiros e missionários, buscando conhecer como vivem, com quem se relacionam, como é seu estilo de vida, não com um propósito político ou disciplinador, mas como uma maneira de fornecer apoio.

30. Idem.

31. Collins, 1984, p. 173.

O uso da tecnologia

Nos nossos dias, os recursos tecnológicos são um aliado importante na manutenção dos relacionamentos das pessoas. Para o conselheiro é uma excelente opção para manter o contato e demonstrar interesse pelo bem-estar do aconselhando, principalmente em situações de crise.

De acordo com Collins: “A ajuda por telefone é conveniente, especialmente nas emergências, e de grande valor para aqueles cujo estilo de vida e problemas os impedem de procurar aconselhamento face a face.”³² O contato pessoal é o ideal, mais adequado, por facilitar uma comunicação autêntica. A coerência entre o que é comunicado verbalmente e as expressões faciais e gestos (comunicação não verbal) pode ser observada. Entretanto, tomando-se as medidas necessárias para que os princípios da privacidade e confidencialidade sejam respeitados, é possível realizar alguns avanços na relação de ajuda através de recursos tecnológicos.

A ética do aconselhamento

Na IAP, temos um Estatuto que direciona nossas ações; é preciso conhecê-lo. Porém, todos concordamos que é a Palavra de Deus o padrão supremo que rege nossas decisões de ordem ética e moral.

Todo conhecimento, técnica e treinamento que uma pessoa possui vale pouco caso ela não prime pela ética do aconselhamento.

A importância do sigilo

- **O sigilo do ponto de vista do aconselhando.** Para o aconselhando, seu problema é singular, único e inédito. Sua dificuldade causa-lhe preocupações em torno de sua imagem. Ele busca alguém que possa lhe oferecer compreensão, simpatia e seriedade.
- A discrição é uma característica a ser cultivada, significa ter comportamento discreto na relação; cuidado para não expor o aconselhando. É preciso ter sobriedade, capacidade de guardar segredos, tratar com reserva e sensatez.
- Não podemos nos esquecer de que informações sobre problemas e segredos das pessoas causam efeito e impacto sobre as outras pessoas. Para um conselheiro habituado em ouvir todo tipo de problemas e revelações, tais informações podem não parecer chocantes. Já para os familiares do aconselhando e seus amigos, estas informações podem ser devastadoras, gerando angústia, insônia, agitação.³³
- **O Código de Ética da IAP** – Artigo I I, Inciso IV do Código de Ética: “Guardar em sigilo confissões feitas, não usando-as como ilustrações em mensagens, sermões, palestras, comparações ou conversas, a não ser com a devida autorização (I Tm 3.2).”³⁴

Cláusula jurídica sobre a obrigatoriedade de depoimento em juízo

Médicos, advogados, psicólogos, ministros religiosos e qualquer pessoa que possa afirmar que as informações que possui foram colhidas sob promessa de sigilo ético e/ou profissional, tendo a confirmação

32. Collins, 1984, p. 144.

33. Friesen, 2004, p. 151ss.

34. Código de Ética da I.A.P., 2013, p. 18.

desta promessa pelo réu em questão ou pela regulamentação da profissão, ficam desincumbidos de depor em juízo caso assim lhes pareça por bem. Isso também se refere ao aconselhamento de pessoas leigas, como líderes de grupos familiares, conselheiros pastorais e outras atividades sociais.³⁵

Os princípios da privacidade e confidencialidade

No caso de precisar abrir as informações colhidas em aconselhamento por qualquer motivo, é preciso solicitar a permissão do aconselhando. Caso este conceda a permissão, tendo especificado o que e com quem as informações serão tratadas, então se dissolve grande parte das tensões geradas diante da questão da ética do aconselhamento.³⁶

A preservação de segredos está associada tanto com a questão da privacidade quanto da confidencialidade. A privacidade, mesmo quando não há vínculo direto, impõe os deveres de resguardar as informações que teve contato e de preservar a própria pessoa do aconselhando. A privacidade é a limitação do acesso às informações de uma dada pessoa, bem como do acesso à própria pessoa e à sua intimidade. A confidencialidade é a garantia do resguardo das informações dadas em confiança e a proteção contra a sua revelação não autorizada.

Todo o aconselhamento pressupõe que a conversa seja confidencial e não deverá nunca ser comentada fora daquele ambiente. O aconselhando deve ser livre para revelar informações pessoais importantes. A confidencialidade de toda a conversa existe, mesmo que o aconselhando não a peça explicitamente.

Toda informação pessoal colhida em aconselhamento deve receber um tratamento confidencial irrestrito e sigiloso.

Existem situações em que o mais ético é romper o sigilo?

A exceção de confidencialidade pode ser eticamente aceitável desde que o paciente dê a sua permissão; que a lei obrigue a revelação; que haja risco de vida ou possibilidade de dano físico ou psicológico para uma ou mais pessoas identificadas. Exemplos: ocorrência de doença de informação compulsória, de maus-tratos em crianças ou adolescentes, de abuso de cônjuge ou idoso.

Caso o aconselhando mencione que pretende agir de forma a ferir ou matar alguém ou a si próprio, é obrigação do conselheiro tomar as medidas necessárias para evitar o ato, geralmente, acionando as autoridades competentes. Collins recomenda que

em todas as decisões que envolvem a ética, o conselheiro cristão deve buscar honrar a Deus, agir de conformidade com os princípios bíblicos, e respeitar o bem-estar do aconselhando e de outras pessoas. Quando for necessário tomar uma decisão delicada, o conselheiro deve discutir o assunto confidencialmente com um ou dois conselheiros cristãos e/ou com um advogado, médico ou pastor que possa ajudá-lo a tomar a decisão certa. Muitas vezes, essas consultas podem ser feitas sem que a identidade do aconselhando precise ser revelada. Quando tiver que enfrentar uma situação dessas, o conselheiro deve reunir o maior número possível de dados concretos (inclusive o que a Bíblia ensina sobre o assunto), confiar na direção de Deus e, então, tomar uma decisão sensata, com base nas evidências disponíveis.³⁷

35. <http://amorsaudeevida.blogspot.com.br/2014/05/a-importancia-do-aconselhamento-biblico.html>>.

36. Código de Ética da I.A.P., 2013, p. 18.

37. Collins, 1984, p. 38.

O Código de Ética da IAP, Artigo II, Inciso X: “Revelar à autoridade competente fatos narrados em confissão, aconselhamento ou orientação ministerial, quando constatada grave ameaça ao direito à vida ou à honra, ou a necessidade de o pastor ou presbítero agir em defesa própria, caso se veja ameaçado pela própria pessoa a quem protegia por sigilo.”³⁸

Artigo II, Inciso XI: “Denunciar à autoridade competente, quando se tratar de fato delituoso e alertar sobre a gravidade de suas consequências para a própria pessoa atendida ou para terceiros”.³⁹

Collins cita ser importante procurar ajuda externa para aconselhados que:

- Têm graves necessidades financeiras;
- Exigem cuidados médicos;
- Estão severamente deprimidos ou com intenções suicidas;
- Parecem estar perdendo o controle sobre seu comportamento, pensamentos ou emoções;
- Exigem mais tempo ou energia emocional do que podemos dar;
- Querem mudar de ajudador;
- Mostram comportamento extremamente agressivo ou sensual;
- Têm sentimentos fortes de antipatia, são sexualmente estimulados, ou ameaçam o ajudador;
- Têm um problema que parece estar piorando, apesar da ajuda;
- Têm problemas que ultrapassam o treinamento ou habilidade do ajudador;
- Parecem estar severamente perturbados;⁴⁰
- No caso da Igreja, quando está claro que um escândalo pode surgir.

O mesmo autor apresenta uma lista de sintomas que podem indicar a presença de distúrbios severos:

- As pessoas acreditam (sem qualquer base na realidade) que outros estão tentando fazer-lhes mal, atacá-las sexualmente, ou influenciá-las de maneira estranha;
- Têm ilusões de grandeza sobre si mesmas;
- Mostram mudanças súbitas em seus padrões típicos de comportamento;
- Têm alucinações, ouvindo sons ou vozes inexistentes, ou vendo pessoas ou coisas inexistentes;
- Têm ideias rígidas, bizarras ou temores que não podem ser influenciados pela lógica;
- Envolvem-se em padrões repetitivos de atos compulsivos ou pensamentos obsessivos;
- São desorientadas (não têm percepção do tempo, lugar ou identidade pessoal);
- Estão deprimidas, ou estranhamente eufóricas e/ou agressivas;
- Retiram-se para o seu mundo interior, perdendo interesse nas atividades normais.⁴¹

Cuidado com as redes sociais

Os mesmos cuidados com relação à privacidade e confidencialidade se aplicam ao uso dos recursos tecnológicos. O casal ministerial deve ser prudente em suas postagens, na escolha das palavras, comentários, evitando julgamentos, condenações, brincadeiras e chacotas que podem afastar as pessoas que queiram procurá-los.

38. Código de Ética da I.A.P., 2013, p. 19.

39. Idem.

40. Collins, 1984, p. 551ss.

41. Idem.

Armadilhas das confidências

A necessidade de sigilo é uma característica do aconselhamento. No exercício do aconselhamento, assumimos este compromisso, entretanto, algumas situações, por vezes, podem nos levar a romper o silêncio e expor o aconselhando. Infelizmente, o temor de muitos a este respeito persiste devido à falta de cuidado de alguns conselheiros em alguns casos. A ordem aqui é orar e vigiar, para que, como conselheiros, não caiamos em algumas armadilhas que podem colocar a perder todo o trabalho realizado.

- **Pessoas próximas ao conselheiro podem ajudar em oração.** Solicitar ajuda de outras pessoas na intercessão pelo caso é uma atitude sábia em algumas situações, desde que com a autorização prévia do aconselhando. Deve-se, inclusive, definir com ele quais e como as informações serão repassadas.
- **O manuseio de informações escritas.** Manter registros dos aconselhamentos é um recurso que demonstra organização e zelo com o trabalho realizado, porém exige cuidados para arquivar em local seguro. O mesmo se aplica a quaisquer documentos que digam respeito ao aconselhando, seja encaminhamentos, comunicados disciplinares e outros.
- **A necessidade do conselheiro de discutir um caso difícil e buscar ajuda.** Converse com o aconselhando quando sentir que esta situação se aplica à situação tratada, expondo que você avançou até onde foi possível e demonstrando seu real interesse em ajudá-lo. Preferencialmente, avise sobre esta possibilidade no início do aconselhamento. Respeite a decisão do aconselhando. Caso necessário, encaminhe.
- **Ilustrações em pregações, palestras.** Convêm alguns cuidados com o objetivo de preservar a privacidade e não voltar a atenção à busca de identificação da pessoa citada.
 - a) Precauções no uso de ilustrações:
 - Apenas citar quando o aconselhando autorizar, como institui o Código de Ética;
 - Não usar material de casos que estiver atendendo na ocasião;
 - Se for importante, contar o “milagre”, não é preciso contar o “santo”;
 - Modificar as informações não essenciais à mensagem em questão, para evitar que o aconselhando seja identificado.
- **Impulso protetor.** Cuidado diante de situações em que o conselheiro pode usar informações obtidas em atendimento para defender o aconselhando.
- **As maiores armadilhas estão em nossas próprias necessidades não supridas e em nossos próprios problemas não resolvidos.** Quando os dilemas ou a dor do outro lembra a sua própria, há o risco que uma neutralidade mínima necessária não seja mantida. Por certo, o conselheiro se envolverá emocionalmente com o assunto e o distanciamento psicológico adequado não será mantido. Por isso, exemplos da vida pessoal não são estimulados, para que o afeto não comprometa a neutralidade requisitada na situação. O autoconhecimento e o saber lidar com suas próprias emoções habilitam a pessoa que queira ser conselheira. Como lembra Friesen, antes de mais nada, é preciso compreender a si mesmo para depois compreender as necessidades do aconselhando.⁴²
- Collins é enfático ao mencionar que, se a principal razão que nos motiva para o aconselhamento é atender as nossas próprias necessidades, é pouco provável que sejamos de alguma ajuda para os nossos aconselhados. Motivações perigosas para o exercício do aconselhamento: necessidade de manter relacionamentos, exercer o controle, socorrer, informação e cura pessoal.⁴³

42.Friesen, 2012, p. 151ss.

43.Collins, 1984, p. 26ss.

Encaminhamentos após o aconselhamento

- **Reconhecimento das limitações.** Reconhecer nossas limitações, em muitos casos, é o melhor que podemos fazer pelo aconselhando. Encaminhar não significa deixar de acompanhar o caso, demonstrar interesse e apoio. Em algumas situações, também é possível, ou até mesmo recomendável, encaminhar e manter o aconselhamento.
- **Código de Ética da IAP, Artigo 11, Inciso IX:** “Tomar todos os cuidados, ao aconselhar, para não decidir pelo aconselhando, não fazer juízo precipitadamente das pessoas denunciadas, antes de ouvi-las”.⁴⁴

Para onde encaminhar?

- **Quando o aconselhando precisar de uma ajuda profissional.** Se possível, busque profissionais (psicólogos, terapeutas) que sejam norteados por princípios bíblicos e cujo trabalho seja reconhecido por outros pacientes.
- **Quando o caso precisa ser tratado pela Igreja.** Se o caso estiver ligado à administração da igreja ou envolver qualquer participação das Câmaras Disciplinares da Convenção Regional ou da Convenção Geral, então, ele deve ser encaminhado à Diretoria da Convenção Regional. O casal ministerial deve sempre estimular a confissão do aconselhando, mostrando a ele que este é o caminho do perdão. De acordo com Bonhoeffer,

A Igreja separada do mundo tem de praticar a disciplina de seus membros em seu interior. O propósito da disciplina eclesíastica não é a criação de uma igreja de indivíduos perfeitos, mas unicamente a construção de uma igreja de pessoas que, de fato, vivem sob a misericórdia perdoadora de Deus. A disciplina no interior da Igreja está a serviço da graça preciosa de Deus. O pecador que é membro da Igreja deve ser exortado e punido, para que ele não perca a salvação e o evangelho não caia em descrédito.⁴⁵

Como encaminhar?

Alguns cuidados são necessários para que o aconselhando não se sinta rejeitado ou “passado” para outra pessoa. Talvez, ele fique decepcionado ou contrariado. O correto é alertá-lo desde o início, mencionando esta possibilidade. Envolve-o na decisão de fazer o encaminhamento, ajude-o na definição de como acontecerá e conversem sobre como será o relacionamento de ajuda após este encaminhamento.

Após o encaminhamento

É importante que após o encaminhamento, o conselheiro continue acompanhando o aconselhando através de visitas periódicas e meios tecnológicos, até que se julgue necessário.

44. Código de Ética da I. A. P., 2013, p. 18.

45. Bonhoeffer, 2016, p. 238.

Conclusão

As palavras do Apóstolo Pedro são muito adequadas e oportunas para encerrar esta apresentação:

Eu, que também sou presbítero, dou agora conselhos aos outros presbíteros que estão entre vocês. Sou uma testemunha dos sofrimentos de Cristo e vou tomar parte na glória que será revelada. Aconselho que cuidem bem do rebanho que Deus lhes deu e façam isso de boa vontade, como Deus quer, e não de má vontade. Não façam o seu trabalho para ganhar dinheiro, mas com o verdadeiro desejo de servir. Não procurem dominar os que foram entregues aos cuidados de vocês, mas sejam um exemplo para o rebanho. E, quando o Grande Pastor aparecer, vocês receberão a coroa gloriosa, que nunca perde o seu brilho (1 Pe 5.1-4 – NTLH).

Devemos ter coragem para enfrentar os desafios e problemas, apascentar com amor voluntário, altruísta, prático, incondicional, terapêutico, ou seja; da melhor forma possível, através de uma vida íntima com o Senhor. E devemos também nos lembrar de que a recompensa será no futuro. Pode ser que não sejamos compreendidos ou referenciados positivamente neste mundo. Mas o Sumo Pastor, o Pastor dos Pastores, o Grande Pastor, reserva uma maravilhosa e eterna coroa de glória. Como diz Sathle-Rosa, nossa herança de fé deve ser o maior legado a ser deixado para futuras gerações.⁴⁶

46.Sathle-Rosa, 2004, p. 124.

Termo de compromisso

- Mantereí minha saúde física e emocional cuidando adequadamente do meu corpo;
- Desenvolverei a prática regular de devocional através de leituras de textos bíblicos e livros cristãos, oração e meditação;
- Amarei e cuidarei da minha família, obedecendo a escala de valores: Deus, Cônjuge, Filhos e Comunidade;
- Procurarei atuar na função ministerial em conjunto com meu cônjuge, salvo que se exija apenas um dos dois, e isto de comum acordo;
- **Serei fiel com a minha Denominação.** Procurarei conhecer, praticar e defender os princípios bíblicos e teológicos da Igreja Adventista da Promessa e das decisões em suas casas competentes, como: literaturas publicadas, livro *O Doutrinal*, Estatutos e Regimentos da Convenção Geral, da Convenção Regional, Código de Ética da IAP, Manual do Casal Ministerial e decisões das Assembleias ordinárias e extraordinárias: da Junta Geral Deliberativa, das Assembleias Gerais da Convenção Geral, da Junta Regional Deliberativa, das Assembleias Gerais da Convenção Regional;
- Procurarei servir aos meus colegas pastores e às suas famílias no amor de Deus, pela visitaçã, aconselhamento, oração, apoio, com total discriçã;
- Utilizarei nos aconselhamentos a Bíblia Sagrada como material principal, tendo sempre Jesus Cristo como alvo, na dependência do Espírito Santo;
- Procurarei saber dos meus limites de atuação como casal ministerial, para não dar direcionamentos administrativos e/ou que venham desrespeitar os meus superiores;
- Mantereí confidencialidade rigorosa no aconselhamento, exceto em casos nos quais seja necessário revelar informações, a fim de evitar que outras pessoas sejam prejudicadas e/ou quando a lei o exigir;⁴⁷
- Encaminharei o aconselhando aos profissionais competentes, quando meus recursos se esgotarem, com a permissã dele, mas sem deixar de acompanhá-lo;
- Esclarecerei ao aconselhando sobre a importância da confissã, quando o aconselhamento envolver a quebra de mandamentos bíblicos, que deverão ser tratados pelas Câmaras Disciplinares da IAP;
- Jamais me aproveitarei de informações sigilosas em aconselhamento para benefício próprio, seja físico, emocional ou funções que venham pleitear dentro da denominaçã;
- Jamais me aproveitarei de informações sigilosas em aconselhamento para denegrir algum outro pastor;
- Prestarei relatórios financeiros constando todos os itens legais exigidos pela denominaçã;
- Serei sincero nos relatórios a meus superiores, sem divulgar informações confidenciais desnecessárias.⁴⁸

47. Carter; Trull, p. 2010, p. 315.

48. Carter; Trull, 2010, p. 318.

Referências

- ADAMS, J. E. *O conselheiro capaz*. São Paulo: Fiel, 1980.
- ALMEIDA, J. F. de. *Bíblia Sagrada*. NTLH. Barueri: SBB, 2004.
- ALMEIDA, J. F. de. *Bíblia Sagrada*. Revista e atualizada. Barueri: SBB, 1993.
- Comentário Bíblico Beacon*. Volume 9. Rio de Janeiro: CPAD, 2014,
- BONHOEFFER, D. *Discipulado*. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.
- CARTER, J. E.; Trull, J. E. *Ética ministerial: um guia para a formação moral de líderes cristãos*. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- CHAMPLIN, R. N. *O novo testamento interpretado*. Volume 5. São Paulo: Candeia, 2000.
- CÓDIGO de Ética da Igreja Adventista da Promessa*, São Paulo: GECV, 2013.
- COLLINS, G. R. *Ajudando uns aos outros pelo aconselhamento*. São Paulo: Vida Nova, 2002.
- _____. *Aconselhamento cristão*. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- FRIESEN, A. *Cuidando do ser*. Treinamento em aconselhamento pastoral. 3.ed. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2004.
- HURDING, R. F. *A árvore da cura: modelos de aconselhamento e de psicoterapia*. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- HYBELS, B. *Liderança corajosa*. São Paulo: Vida Acadêmica, 2002.
- LOPES, H. D. *De pastor a pastor*. São Paulo: Hagnos, 2008.
- MACARTHUR, J. Jr. *Redescobrimo o ministério pastoral: moldando o ministério contemporâneo aos preceitos bíblicos*. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.
- MARTINS, J. G. *Manual do pastor e da igreja*. Curitiba: AD Santos, 2002.
- MOLOCHENCO, S. *Curso Vida Nova de teologia básica. Aconselhamento*. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- PIERRE, J.; REJU, D. *O pastor e o aconselhamento*. São José dos Campos: Fiel, 2015.
- ROCHA, A. P; FREITAS, E. W. de S.; LOPES, K. P. *Líderes em formação*. São Paulo: DEC/GEVC, 2014.
- ROCHA, A. P; FREITAS, E. W. de S.; LOPES, K. P. *Pequenos grupos, comunhão, discipulado e evangelização*. Manual de Implantação, São Paulo: DEC/GEVC, 2015.
- SATHLER-ROSA, Ronaldo. *Cuidado pastoral em tempos de insegurança: uma hermenêutica teológico-pastoral*. São Paulo: Aste, 2004.
- TRASK, T. E. et all. *O pastor pentecostal*. Tradução de Luís Aron de Macedo. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.
- VINE, W.; UNGER, Merrill; WHITE, Jr. W. *Dicionário VINE. O significado exegético e expositivo das palavras do antigo e do novo testamentos*. Tradução Luís Aron de Macedo, Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- WIERSBE, W. *Comentário bíblico expositivo: novo testamento*. Volume 6. Tradução de Suzana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006.